

Breve Abordagem Semântica e Pragmática de *Aqui, Aí e Ali*

Mário Crescêncio Pereira(*)

macrjepe@gmail.com

*Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Centro de Linguística da Universidade do Porto
(Portugal)*

RESUMO. O estudo que aqui apresentamos tem como objectivo principal reflectir sobre as estruturas díticas construídas com *aqui*, *aí* e *ali*. Sabendo que estas palavras são classificadas pelas gramáticas tradicionais como advérbios de lugar, remetendo apenas para a localização espacial, pretendemos mostrar que, além da expressão de lugar na sua função dítica, anafórica e catafórica, lhe estão associados outros valores semânticos, nomeadamente o seu emprego como meio de referência ou de significação temporal. Por outro lado, procuraremos demonstrar que estes termos podem também conceber valores que se identificam com a modalidade no discurso e que, por vezes, se relacionam com o cumprimento de um acto ilocutório, não se apagando, contudo, inteiramente a noção de localização espacial.

PALAVRAS-CHAVE. Emprego dítico e anafórico, localizadores espaciais e temporais, valores modais discursivos.

ABSTRACT. The main goal of this paper is to reflect on deictic constructions with *aqui*, *aí* e *ali*. As traditional grammars classify these words as location adverbs, we intend to show that, besides the expression of location in its deictic, anaphoric and cataphoric function, other semantic values can be found, namely the use as a mean of expressing temporal reference. Moreover, we will try to demonstrate that these terms can also have discursive (modal) values and that, sometimes, they are related to illocutionary acts, although their spatial meaning is not entirely erased.

KEY-WORDS. Deictic and anaphoric use, spatial and temporal localizers, modal discourse values.

1 – Introdução

Certas expressões díticas, habitualmente designadas nas gramáticas, dicionários ou manuais como advérbios de lugar, merecem, em nosso entender, uma reflexão mais aprofundada, dado o seu comportamento na interacção comunicativa, onde aparecem, por vezes, utilizadas com distintas funções. Com efeito, o uso que os falantes fazem da língua revela que estas palavras funcionam como ferramentas linguísticas com as mais diversas finalidades ou intenções comunicativas, e por isso a sua interpretação e a sua classificação terão obrigatoriamente de se submeter ao modo como surgem contextualizadas. Esta visão não é contemplada pelas gramáticas tradicionais, uma vez que aí a denominação “advérbio de lugar” engloba todos os

* Estudante do Curso de Mestrado em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

dícticos que envolvem a expressão do lugar como se a sua função fosse única e exclusivamente esta. Quando muito, reconhecem em certas ocorrências, e apenas para os advérbios *cá* e *lá*, propriedades enfáticas ou de realce, de reduzido valor semântico, na estrutura frásica, atribuindo-lhe um papel de “enfeite” e considerando-as por essa razão “desnecessárias ao sentido da proposição”¹. Ora, confrontando este pressuposto com a prática linguística corrente, somos levados a apresentar alguns argumentos e algumas evidências que nos permitem questionar esta classificação tradicional, com base no desenvolvimento da descrição do emprego de algumas destas palavras. Para o efeito, abordaremos o comportamento linguístico dos advérbios *aqui*, *aí* e *ali* nas suas vertentes semântica e pragmática, e procuraremos mostrar que à linearidade da classificação tradicional destes termos se sobrepõe a complexidade da sua utilização e a pluralidade de perspectivas que daí decorrem.

Começaremos por analisar, numa perspectiva semântica, os empregos dícticos destes advérbios enquanto localizadores espaciais, distinguindo os traços semânticos que os identificam e observaremos ainda o seu uso anafórico e catafórico como expressão do lugar. Posteriormente, consideraremos o seu emprego díctico e anafórico num quadro de significação temporal. Finalmente, e no âmbito de uma abordagem pragmática, procuraremos fazer uma descrição de algumas ocorrências que contemplam estes termos em consonância com as circunstâncias da sua utilização, remetendo para valores que se prendem com o conceito de modalidade².

¹ Cf. Figueiredo & Ferreira (1965: 247).

² “Do ponto de vista linguístico, podemos considerar que a modalidade é a gramaticalização de atitudes e opiniões dos falantes.” (Oliveira 2003b: 245).

2 – Aqui, aí, ali: *localizadores espaciais*

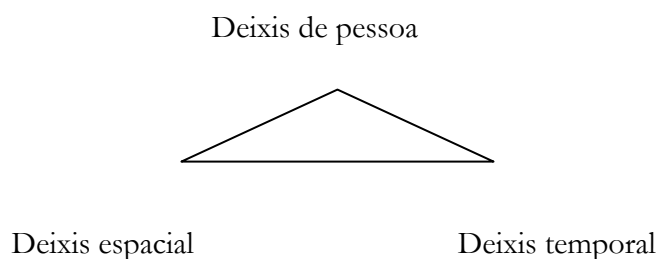
2.1 – *O emprego dístico*

Considerando os dísticos como “(...) operadores linguísticos que têm como função referenciar o discurso em relação ao sujeito de enunciação e às suas coordenadas espaço-temporais” (F. I. Fonseca 1992: 58), o sentido destes advérbios é determinado pela actualização do enunciado pelo locutor (o “Eu”), numa situação de enunciação específica e subordinado a um espaço (o “Aqui”) e a um tempo (o “Agora”).

Ao referir-se ao sistema ternário *aqui / aí / ali*, Lopes (1977: 127 ss.) esclarece que “O único traço comum a estas situações é a de uma presença ou vizinhança espacial, ou espaço-temporal, cuja métrica e cuja interioridade ou exterioridade relativa a outras vizinhanças apenas se determina pela situação e pelo contexto da própria enunciação. A fronteira espacial dessas vizinhanças não pode definir-se de um modo exacto, apresenta sempre um grau de maior ou menor aproximação”. Estas formas linguísticas, que podem ou não aparecer associadas aos pronomes demonstrativos, definem o “espaço topológico” e são designadas por Lopes (1971; 1977) como “advérbios demonstrativos”, cuja função dística e referencial determina a localização no espaço relativamente ao momento e ao lugar da enunciação. Assim, estes advérbios permitem definir o grau de maior ou menor proximidade que se estabelece no plano topológico, tendo como ponto de referência o lugar ou a posição ocupada pelo locutor. É, aliás, o locutor a figura central do processo dístico, relativamente ao qual o espaço referenciado se define. Recordem-se, a este propósito, os seguintes exemplos:

- (i) Estou aqui na cabine telefónica há meia hora.
- (ii) Estou aqui em casa há meia hora.
- (iii) Estou aqui na cidade há dois dias.
- (iv) Estou aqui na França há um mês.

Partindo do pressuposto que o advérbio *aqui* é usado pelo mesmo sujeito de enunciação em diferentes circunstâncias, verifica-se que a amplitude do espaço topológico é também diferente, conforme nos é dado observar pela expressão locativa. Diríamos que se trata de “vizinhanças” muito variáveis em termos de espaço, da mais circunscrita à mais genérica, mantendo-se o “eu” enunciador constante. Tal como é sugerido por F. I. Fonseca (1996), este facto evidencia que a deixis pessoal determina a deixis espacial, estando subjacente neste processo a informação temporal, na medida em que, ao apontar explicitamente o espaço, o falante está a fazê-lo num determinado momento (o momento da enunciação). Assim sendo, será naturalmente de admitir que todo o acto enunciativo se fundamenta em três vectores:



Se associarmos estes factores ao papel determinante que as pessoas gramaticais assumem no processo discursivo, facilmente nos damos conta de que o contexto comunicativo, ou a situação de enunciação, gera relações de “vizinhança espacial”, definindo um grau de maior ou menor aproximação ou de distância métrica relativamente ao enunciador, ou uma “región de proximidad”, como anuncia Eguren (1999: 959). Ou seja: parece poder-se configurar um sistema ternário opositivo (o que não acontece em outras línguas, nomeadamente no francês e no inglês) em função das relações que se estabelecem entre as primeira, segunda e terceira pessoas gramaticais e os marcadores dísticos *aqui*, *aí* e *ali*.

Nesta ordem de ideias, teremos então o dístico *aqui*, referenciando o espaço associado à primeira pessoa (ao “eu” enunciador), o dístico *aí*, configurando o espaço relativo à segunda

pessoa (ao “tu” ou ao “vós”) e o díctico *ali*, assinalando o espaço que se circunscreve à proximidade da terceira pessoa (ao “ele” ou ao “eles”) conforme os exemplos ilustram:

- (v) Eu estou aqui sentado.
- (vi) Tu estás aí sentado.
- (vii) Ele está ali sentado.

No acto comunicativo, a “vizinhança” da primeira pessoa (o sujeito enunciador) contrasta com a “vizinhança” da segunda pessoa (o interlocutor), surgindo a “vizinhança” da terceira pessoa afastada quer de uma, quer de outra. Todavia, esta descrição topológica nem sempre funciona, uma vez que a “vizinhança” da primeira pessoa pode incluir, para além do “eu”, um “tu” ou até um “vós” – a chamada primeira pessoa inclusiva do plural³ - referindo o *aqui* um espaço conjunto ou comum a ambos, sem contrastar com a “vizinhança” do “tu” ou do “vós”:

- (viii) Nós estamos aqui bem, não achas?

Consideraremos, assim, de acordo com Lopes (1977: 131), a existência de vários subespaços: o *aqui* (de mim) em contraste com o *aí* (de ti ou de vós) e com o *ali*, e a oposição entre o *aqui* (de nós) e o *aí* (de ti ou de vós) e o *ali*. Em todos estes casos, identificamos não propriamente espaços, mas lugares ou sítios circunscritos e delimitados, passíveis de ser apontados, visíveis e, conseqüentemente, coincidentes com um ponto, como lembra Teixeira (2005).

Já no exemplo seguinte, o *aqui*, para além de remeter para o espaço do locutor, parece tornar-se ainda mais circunscrito ao restringir-se às dimensões do próprio objecto mostrado:

- (ix) Vê aqui esta carta.
- (x) Segura aqui no saco.

³ Cf. Lopes (1977: 129-130).

Este tipo de exemplos mostra que, sobretudo na linguagem coloquial, os advérbios demonstrativos locativos (não só o *aqui*, mas também o *aí* e o *ali*) são utilizados frequentemente para fazer referência a algo (ou mesmo a alguém) que se encontra perto ou dentro do espaço do locutor.

Um outro emprego dístico de *aqui* é aquele que diz respeito à “deixis analógica”, defendida por Klein (1982) e Vanelli & Renzi (1995), referidos por Eguren (1999: 959, nota), em que um determinado espaço evoca, por analogia, outro espaço:

(xi) O João magoou-se aqui na cabeça.

O locutor faz referência ao seu próprio corpo para referir o corpo de outrem.

Tal como lembram Lopes (1985) e Eguren (1999), o dístico espacial *aqui* pode referir-se a lugares das mais variadas dimensões quer se trate de um espaço abarcado pela percepção visual, quer se trate de um espaço geográfico. Por outro lado, como salienta Lucero (1999), o papel do dístico *aqui* não se limita à designação do espaço ocupado pelo locutor, podendo indicar configurações espaciais de proximidade que podem variar em termos de distância:

(xii) O João está aqui perto.

(xiii) O João está aqui ao lado.

(xiv) O João está aqui atrás.

A ideia de proximidade é assim identificada pelo dístico, sendo especificada e intensificada pelo advérbio de lugar que aparece em segunda posição.

Os exemplos até aqui observados permitem concluir que, de um modo geral, o uso destes dísticos é normalmente acompanhado pelo gesto de apontar, o que implica que o objecto referenciado se situe num espaço visível e possa até coincidir com um ponto. Contudo, há certas

situações discursivas em que nem sempre os lugares determinados por estas palavras constituem um “espaço de percepção visual”; pelo contrário, poderá tratar-se de um espaço geográfico afastado dos intervenientes do acto comunicativo:

(xv) A Faculdade de Letras do Porto fica aqui no Campo Alegre.

(xvi) A Faculdade de Letras do Porto fica ali no Campo Alegre.

Em (xv), pressupõe-se que o locutor e o alocutário estão no Porto, situando-se a Faculdade de Letras muito próximo do lugar onde se encontram, embora não seja visível por ambos. Não se trata agora do espaço situacional do locutor no momento da enunciação, mas de um espaço de manifesta proximidade. Em (xvi), duas interpretações são possíveis: estando o locutor e o alocutário no Porto, a Faculdade não fica muito longe do local onde se encontram, se bem que não seja visível por ambos; tento o acto comunicativo decorrido fora do Porto, pressupõe-se que o alocutário conhece o Porto, procurando o locutor levá-lo a recordar aquele espaço geográfico conhecido e armazenado na sua memória.

Vimos anteriormente que o dístico *aí* referencia o espaço delimitado pelo alocutário (segunda pessoa gramatical). No entanto, convém lembrar que este marcador linguístico não se reduz a esta função semântica, como o exemplo que se segue elucida:

(xvii) Anda aí / por aí / para aí uma virose.

Não se trata já do “espaço perceptível”, apontável e pontual pertencente ao alocutário, mas de um espaço abrangente e indeterminado, embora continue a estar presente a noção de proximidade relativamente ao lugar ocupado pelo locutor.

Também em (xviii) o dístico *aí* não designa o espaço ocupado pelo alocutário, mas antes um “espaço perceptível” próximo do espaço situacional do locutor e do alocutário:

(xviii) Vem aí o João.

Podemos, pois, concluir que o uso do dístico *aqui* permite, de uma maneira geral, referenciar a situação de objectos mais próximos e mais acessíveis, face à posição ocupada pelo locutor, mas pode também delimitar o espaço pertencente ao locutor e ao alocutário. Por outro lado, designa um espaço demarcável, restrito, que pode coincidir com um ponto e que se pode apontar, sendo por isso perceptível e acessível. A utilização de *aí* aparece normalmente como forma de situar objectos mais próximos e mais acessíveis relativamente à posição ocupada pelo alocutário; o uso de *ali* remete tipicamente para situações espaciais não acessíveis nem à primeira, nem à segunda pessoas. Na realidade, a noção de espaço sugerida por estes dísticos não deve ser interpretada em função da distância, mas sim em termos de acessibilidade.

2.2 – O emprego anafórico e catafórico

Descrevemos, no ponto anterior, o comportamento de *aqui, aí, ali* num contexto situacional compartilhado, isto é, em situação de enunciação e, por conseguinte, num quadro de referenciação exofórica. Vamos, de seguida, abordar uma outra função – a referenciação endofórica – em que estas expressões dísticas também se podem usar. A este propósito, F. I. Fonseca (1996: 441) lembra que esta função se realiza “(...) ao apontar para o segmentos discursivos que precedem ou seguem o signo dístico no todo textual em que está integrado”. Assim, o papel mostrativo destas estruturas dísticas pode cumprir-se como anáfora ou como catáfora no espaço textual ou discursivo, consoante se correlaciona com uma informação anterior ou com uma informação posterior. Deste modo, a deixis como mostração física e presencial do

acto comunicativo dá lugar à mostração que se desenvolve no plano discursivo, numa relação co-referencial. Vejamos alguns exemplos:

- (xix) O João vive no *Porto*. Foi *aqui*_i que fez os seus estudos universitários.
(xx) *A Portugal Telecom*_i despediu dezenas de trabalhadores. Era *aqui*_i que trabalhava o João.

Em (xix) e (xx), o advérbio *aqui* aponta para uma pré informação, respectivamente “ o Porto” e “A Portugal Telecom”. Estamos na presença de um antecedente que identifica um local, tratando-se em ambos os casos de sintagmas tipicamente nominais. Em circunstâncias idênticas surge o paralelismo entre os advérbios *aqui* e *ali*:

- (xxi) A Nespresso tem representações no *Porto*_j e em *Lisboa*_i. Tanto *aqui*_i como *ali*_j o seu lema é servir um bom café.

Note-se que o advérbio *aqui* aparece como co-referente da expressão locativa que se encontra mais próxima⁴ do momento de enunciação na linearidade temporal discursiva; o advérbio *ali* retoma o elemento locativo mais afastado no momento da enunciação.

Vejamos agora os seguintes exemplos:

- (xxii) O F.C.P. *perdeu o último jogo*_i e poderá estar *aqui*_i a decisão do campeonato.
(xxiii) O Governo *baixou os impostos*_i. É *aqui*_i que para alguns analistas está a chave da recuperação da economia.

Em (xxii) e (xxiii), o dístico *aqui* continua a desempenhar uma função de referenciação endofórica, tal como acontece nos exemplos anteriores, com a diferença de neste caso se identificar não com um sintagma nominal, mas com uma situação.

A co-referencialidade realiza-se do mesmo modo com *ai*:

⁴ Referente de proximidade (citação próxima ou contígua) ou com fins discursivos vizinhos (Kleiber 1998).

- (xxiv) Visite *Serralves_i* e veja a diversidade de obras *aí_i* expostas.
(xxv) O rapaz foi para a *Escola_i* e *aí_i* permaneceu todo o dia.
(xxvi) Abre *essa gaveta_i* e vê se está *aí_i* o meu relatório.

Em todos estes exemplos, o advérbio *aí* tem como antecedente uma expressão locativa, podendo o espaço referenciado por *aí* em (xxvi) incluir a zona ocupada pelo alocutário.

Além disso, este advérbio pode apresentar como co-referente um sintagma que identifica uma situação:

- (xxvii) *Os salários não acompanham a inflação_i*; e é *aí_i* que reside o fraco poder de compra dos trabalhadores.

Tratando-se do dístico *ali*, o seu comportamento anafórico é semelhante:

- (xxviii) O João chegou ao *Porto_i* em 2000. Foi *ali_i* que fez os seus estudos universitários.
(xxix) O João tem *maus resultados escolares_i*. Vê-se que falta *ali_i* muito estudo.

Em (xxviii), o espaço referenciado pelo antecedente é dado através de um sintagma nominal, enquanto que em (xxix) o advérbio tem como co-referente um sintagma que identifica uma situação.

Paralelamente ao que se passa com a função anafórica, estas estruturas dísticas podem também estabelecer uma relação de co-referência com uma expressão subsequente no plano discursivo. Contudo, neste caso, o referente introduzido é identificado pelo locutor mas não pelo alocutário. E, tal como acontece com a anáfora, é possível fixar a correlação da forma dística com a localização dada através de expressões nominais ou de sintagmas que identificam situações.

Vejamos alguns exemplos:

- (xxx) E, para contento de todos, a final da Taça tem de ser *aquí_i: na cidade do Mondego_i*;
(xxxi) O problema da economia está *aquí_i: não há exportação_i*.
(xxxii) Não havia dúvidas, o espectáculo tinha de ser feito *aí_i: no Coliseu_i*.

(xxxiii) O aluno não trabalha e o resultado está *aí*: *o insucesso*.

(xxxiv) O seu maior gosto era viver *ali*: *na cidade das luzes*.

(xxxv) A chave do sucesso da economia estava *ali*: *a diminuição dos impostos*.

3 – *Aqui, aí, ali: localizadores temporais*

Como já salientámos, os dísticos *aqui, aí e ali* aparecem na tradução gramatical portuguesa sob a designação de advérbios de lugar, remetendo, conseqüentemente, para a expressão do espaço. Pretende-se assim reduzir a uma única classe lexical todos estes termos, ignorando-se as circunstâncias específicas do seu enquadramento e da sua utilização no discurso. Desta forma, as gramáticas parecem limitar o seu comportamento quer do ponto de vista semântico, quer do ponto de vista funcional. Se, por um lado, estas palavras transmitem num significativo número de ocorrências noções que se prendem com a expressão do espaço, por outro lado, há contextos onde elas assumem uma referência temporal⁵. Por essa razão, dever-se-á reconsiderar o facto de continuarmos a atribuir a estes termos apenas a designação de advérbios de lugar, reduzindo-os, do ponto de vista semântico, a uma significação locativa, quando afinal eles também podem adoptar um valor temporal.

3.1 – *Empregos dísticos*

Vejamos alguns exemplos em que estes advérbios, à semelhança do que acontece com a sua função de configuração do lugar, envolvem uma referenciação exofórica de cariz temporal, identificando momentos ou intervalos de tempo calculados em função do momento de enunciação:

⁵ Eguren (1999:960) afirma a este respeito: “(...) los adverbios demostrativos locativos pueden adoptar un valor temporal”.

- (xxxvi) Até aqui estive a chorar, agora está a rir.
(xxxvii) Daqui em diante vou deixar de fumar.
(xxxviii) Daqui a pouco vai chover.

Em todos estes exemplos, há o registo de ocorrências com distribuição temporal. Em (xxxvi), reconhece-se um intervalo de tempo situado no passado e que se prolonga até ao momento presente. Em (xxxvii) e (xxxviii) expressa-se um intervalo de tempo que tem início no presente e que se prolonga no futuro, sendo que em (xxxviii) esse intervalo de tempo tem uma curta duração no futuro.

Vejamos agora os seguintes exemplos:

- (xxxix) Vem aí muita chuva.
(xl) A chuva está aí, não tarda nada.
(xli) O Natal está aí à porta.

Nestas frases, o dístico *aí* denota um intervalo de tempo no futuro que se aproxima do momento da enunciação. Em (xl) e (xli), essa proximidade temporal parece mais evidente, devido, essencialmente, à presença do verbo estativo no presente e à utilização da frase apositiva que especifica a noção de tempo.

Repare-se agora no exemplo que se segue:

- (xlii) O INEM chegou mesmo ali na hora H. Caso contrário, o sinistrado teria morrido.

Verifica-se que nesta ocorrência o dístico *ali* sugere um intervalo de tempo no passado, assumindo, em combinação com a forma verbal, um efeito temporal e aspectual. Nesse sentido, parece identificar um intervalo de tempo pontual, sem duração, característica própria dos tipos aspectuais genericamente designados por *culminações* e *pontos*⁶.

⁶ Cf. Oliveira (2003a).

3.2 – Empregos anafóricos

Os díticos textuais com função endofórica que apresentam valores temporais identificam intervalos de tempo calculados em função de um ponto de referência interno ao texto e alternativo ao momento de enunciação, sendo, por vezes, expresso através de uma data. São disso exemplo as seguintes ocorrências:

- (xliii) O João começou a trabalhar na EFACEC a 2 de Julho de 1985_i, tendo terminado *aqui*_i uma longa fase de desemprego.
- (xliv) O João ficou desempregado a 10 de Outubro de 1980_i. De *aí*_i em diante passou momentos difíceis.
- (xlv) O João ficou desempregado a 10 de Outubro de 1980_i. Até *aí*_i, nunca lhe tinha faltado trabalho.
- (xlvi) O João ficou desempregado a 10 de Outubro de 1980_i. Foi *aí*_i que pensou em emigrar.
- (xlvii) O João ficou desempregado a 10 de Outubro de 1980_i. Começou *aí*_i a sua angústia.
- (xlviii) O João começou a trabalhar na EFACEC a 2 de Julho de 1985_i. De *ali*_i em diante nunca mais teve falta de dinheiro.
- (xlix) O João ficou desempregado a 10 de Outubro de 1980_i. Acabou *ali*_i a sua alegria.
- (l) O João ficou desempregado a 10 de Outubro de 1980_i. Até *ali*_i nunca lhe tinha acontecido isso.

Em (xliii), o dítico textual *aqui* referencia um intervalo de tempo no passado que se sobrepõe ao tempo que serve de antecedente e que é identificado através da data 2 de Julho de 1985.

Em (xliv), o dítico textual *aí* referencia um intervalo de tempo no passado, cuja fronteira inicial coincide com o tempo que serve de antecedente e que é expresso pela data 10 de Outubro de 1980.

Em (xlv), *aí* referencia um intervalo de tempo no passado e que termina no passado, sendo a sua fronteira final coincidente com o tempo que serve de antecedente e que é expresso pela data 10 de Outubro de 1980.

Em (xlvi), *aí* referencia um intervalo de tempo no passado que se sobrepõe ao tempo que serve de antecedente e que é determinado pela data 10 de Outubro de 1980.

Em (xlvi), *aí* referencia um intervalo de tempo no passado, cuja fronteira inicial coincide com o tempo definido pelo antecedente e expresso na data *10 de Outubro de 1980*, podendo estender-se ao presente ou ao futuro.

Em (xlviii), o dístico textual *ali* referencia um intervalo de tempo no passado, cuja fronteira inicial coincide com o tempo que serve de antecedente e que é expresso pela data *2 de Julho de 1985*.

Em (xlix), *ali* referencia um intervalo de tempo no passado que se sobrepõe ao tempo que serve de antecedente e que é identificado pela data *10 de Outubro de 1980*.

Em (l), *ali* referencia um intervalo de tempo que decorre no passado, cuja fronteira final se situa no passado e se sobrepõe ao tempo que serve de antecedente, expresso pela data *10 de Outubro de 1980*.

4 – *Aqui, aí, ali: expressão de valores modais*

A descrição de *aqui, aí, ali* como localizadores espaciais e temporais não esgota o papel que estas palavras podem desempenhar na realização linguística, já que, como se sabe, há outros valores que estas estruturas linguísticas actualizam no plano comunicativo / discursivo. Ocupámo-nos, até aqui, essencialmente com a descrição de valores semânticos que estes advérbios veiculam, com base na sua forma lógica e no seu carácter informativo. Passaremos de imediato a descrever outros valores, genericamente distintos destes, que decorrem das relações que se estabelecem entre estas palavras e as circunstâncias da sua utilização, fundamentalmente no domínio da oralidade. Trata-se de uma análise funcional ou pragmática que tem a ver com a força ilocutória que advém do seu uso e que convém explorar. Não queremos com isto dizer que os valores espaciais se apaguem inteiramente nas ocorrências que vamos observar, havendo lugar a um esvaziamento ou a uma secundarização na sua significação prototípica, dando lugar a outros

valores que emergem no plano funcional da língua⁷. Como lembra Récanati (1979: 182), “à côté des implications logiques du dit, il y a les *implications pragmatiques* du dire”. Trata-se de uma abordagem linguística que se enquadra numa perspectiva pragmática e que tem como objectivo central a competência comunicativa ou o uso da língua em contexto. É à luz deste quadro que fundamentaremos a descrição dos valores modais que envolvem o uso de *aqui, aí e ali*, no âmbito de acções e intenções comunicativas – interactivas, expressão da “ manifestação das atitudes proposicionais do Locutor”, conforme nos revela J. Fonseca (1994: 57), ou ainda Franco, ao reconhecer na análise destas palavras “(...) a atitude do falante para com o enunciado, com suposições, expectativas, emoções e relações sociais entre falante e ouvinte”. (Franco 1991: 180)

4.1 – *Valores modais de aqui*

Situação comunicativa: Irritado com um aluno que se ausentou sem autorização, o professor ordena:

(li) Menino, aqui imediatamente!

Embora o valor locativo de *aqui* não esteja completamente ausente, o seu valor de ordem, que traduz a vontade do locutor em levar o alocutário a aproximar-se imediatamente do local onde se encontra, parece prevalecer.

Situação comunicativa: Ao procurar demoradamente um livro na biblioteca, A exclama para B:

(lii) Ora, aqui está ele!

⁷ Cf. Matos (1999: 447).

Ao empregar *aqui*, não é intenção do falante indicar propriamente o local onde o livro se encontra, mas transmitir a emoção de alívio e até de satisfação que a exclamação ajuda a explicar. Se a intenção de A fosse apontar o espaço ocupado pelo livro, teria dito: “Ele está aqui.”

Situação comunicativa: Ao sentir dores de cabeça, A diz para B:

(liii) Estou aqui com uma dor de cabeça que nem calculas.

Se omitíssemos a forma *aqui*, manter-se-ia o sentido do enunciado. Porém, no plano funcional, a frase perderia a sua força ilocutória, na medida em que este morfema expressa o clamor ou a intensidade do sofrimento que apoquenta o paciente.

4.2 – *Valores modais de aí*

Situação comunicativa: Ao ver que um aluno perturba o normal funcionamento da aula, o professor ordena:

(liv) Cala-te aí, rapaz!

Trata-se de um acto ilocutório directivo em que o locutor manifesta vontade que o alocutário realize uma tarefa: calar-se. Este acto envolve uma ordem expressa pela forma verbal e reforçada ou intensificada pela forma *aí* e pelo vocativo. Além disso, *aí* parece de certa forma reflectir o ímpeto e a autoridade do locutor.

Situação comunicativa: A, ao ver B cometer a proeza de levantar 150Kg, exclama:

(lv) *Aí*, homem!

Ao empregar o morfema *aí*, A parece manifestar a sua admiração pela proeza de B, funcionando esta palavra como forma de incitamento e de aplauso.

Situação comunicativa: A, ao comentar com B o entusiasmo gerado pelo festival aéreo, exclama:

(lvi) Andava aí gente!

Com o emprego de *aí*, A procura transmitir a B a sua admiração face ao elevado número de pessoas que presenciou o festival.

Situação comunicativa: A vai ao mercado e pede ao vendedor da fruta:

(lvii) Queria aí uns 3kg de laranjas.

Neste contexto, *aí* expressa uma indefinição e uma indeterminação, reforçada pelo determinante indefinido “uns”, ao sugerir-se uma aproximação do peso indicado.

Situação comunicativa: A pergunta a B se sabe quem levou o livro que estava em cima da mesa. B responde:

(lviii) Foi por aí o João.

Com o emprego de *aí*, precedido pela preposição *por*, B exprime a sua dúvida (= Foi talvez o João), desconfia que foi o João, tendo algum conhecimento prévio que leva a essa desconfiança: por exemplo, o João tinha estado ali; o João gosta de ler aquele tipo de livros, etc.

Situação comunicativa: A, ao ouvir B fazer um comentário a seu respeito, pergunta-lhe:

(lix) O que estás para aí a dizer?

Ao formular este enunciado, A já conhece o conteúdo das palavras do alocutário e, com esta pergunta, procura censurá-lo e desvalorizar ou até negar as suas afirmações. Trata-se de uma pergunta que não espera uma resposta, funcionando sobretudo como uma advertência ao interlocutor. Embora a função de *aí* como localizador espacial não possa ser desprezada, este morfema é aqui usado essencialmente para justificar a atitude do locutor.

4.3 – *Valores modais de ali*

Situação comunicativa: A vizinha da Maria, querendo falar com ela, vai à janela e chama:

(lx) Ó Maria, olha ali!

Ao produzir este enunciado, é intenção da vizinha da Maria que esta apareça em espaço perceptivo, não para lhe mostrar nada, nem para a ver, mas para lhe comunicar ou pedir alguma informação⁸.

Situação comunicativa: Referindo-se a uma família pouco preocupada com os filhos, A diz para B:

(lxi) Estão as crianças para ali fechadas!

⁸ É frequente na linguagem coloquial, sobretudo em determinadas regiões do norte de Portugal, o uso de *ali* neste contexto.

A partícula *ali*, precedida pela preposição *para*, permite que neste enunciado o falante exteriorize a sua comiseração face às crianças e a censura e a revolta relativamente à situação de abandono em que se encontram.

Situação comunicativa: Falando do tempo, A diz para B:

(lxii) As trovoadas são mais frequentes ali por alturas de Maio.

A modalização de *ali* compreende-se neste enunciado, na medida em que expressa, não uma data precisa, mas aproximadamente o tempo em que as trovoadas são mais frequentes.

Situação comunicativa: A, ao ver o filho a fazer asneiras, pergunta a B:

(lxiii) O que é que ele anda para ali a fazer?

Partindo do princípio que esta pergunta não exige uma resposta, em virtude de o locutor já se ter apercebido do que o filho está a fazer, este enunciado funciona como censura, desagrado ou até preocupação face ao que observa. Note-se que o efeito modal de *ali* parece advir de alguma localização não precisa por oposição à localização precisa que o caracteriza como advérbio, sendo aqui relevante o papel da preposição *para*.

5 – Conclusão

As considerações que aqui deixamos relevam de uma breve abordagem do comportamento semântico e pragmático das estruturas linguísticas *aqui, aí, ali*. Tomando-os como localizadores espaciais, fizemos questão de apontar alguns traços distintivos, essencialmente em termos de relações de acessibilidade, visibilidade e delimitação, sublinhando a sua localização

definida ou precisa. Por outro lado, salientámos alguns comportamentos atípicos que estes advérbios por vezes manifestam na sua função dítica. Além destes aspectos, analisámos o seu emprego anafórico, em que a relação co-referencial pode estabelecer-se relativamente quer a um sintagma nominal designativo de um local, quer a um sintagma que assinala uma situação, o mesmo se passando com o emprego catafórico.

Seguidamente, analisámos algumas ocorrências em que os advérbios localizadores espaciais adoptam valores temporais, tanto na sua função dítica como na relação anafórica que estabelecem na frase.

Finalmente, e depois da descrição semântica do valor espacial e do valor temporal que os denominados advérbios demonstrativos de lugar revelam, procurámos mostrar em que medida estes morfemas podem adquirir valores que os afastam da tradicional classificação como advérbios de lugar – não abandonando completamente a noção de espaço, como fizemos questão de salientar – e que emergem da dimensão do uso da língua e do funcionamento do sistema linguístico.

Estamos certos de que esta análise, ainda que pouco aprofundada, permite minimamente realçar as potencialidades que estes termos evidenciam na economia da língua, designadamente nas suas vertentes informativa e funcional.

REFERÊNCIAS

- Eguren, L. J. 1999. Pronombres y Adverbios Demostrativos. Las relaciones déicticas. In: I. Bosque, V. Demonte (Orgs.). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa, 929-972.
- Figueiredo, J. M. N.; A. G. Ferreira. 1965. *Compêndio de Gramática Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa.
- Fonseca, F. I. 1992. *Deixis, Tempo e Narração*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida.

- Fonseca, F. I. 1996. Deixis e pragmática linguística. In Faria I.H.; E. R. Pedro; I. Duarte; C. Gouveia (orgs.). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa: Editorial Caminho, 437-445.
- Fonseca, J. 1994. *Pragmática Linguística. Introdução, Teoria e Descrição do Português*. Porto: Porto Editora.
- Franco, A. C. 1991. *Descrição Linguística das Partículas Modais no Português e no Alemão*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Kleiber, G. 1998. Les démonstratifs à l'épreuve du texte ou sur cette côte de la baie de l'Arguenon. In : *Langue Française, les démonstratifs: théories linguistiques et textes littéraires*. Paris: Larousse, 77-94.
- Klein, W. 1982. *Local Deixis in Route Directions*. In: R. Jarvella, W. Klein (Eds.). *Speech, Place and Action*. Chichester: John Wiley, 161-182. Referido por Eguren (1999).
- Lopes, O. 1971. *Gramática Simbólica do Português (um esboço)*. 2ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lopes, O. 1997. Topologias da “deixis” em Português. *XV Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas* (Rio de Janeiro). Publicado em: F. Oliveira, A. M. Brito (Coord.). *Entre a palavra e o discurso. Estudos de Linguística 1977-1993*. Porto: Campo das Letras, 121-149.
- Lucero, M. V. P. 1999. Clases de partículas: preposición, conjunción y adverbio. In: I. Bosque, V. Demonte (Orgs.). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa, 613-615.
- Matos, S. 1999. *Adverbiais de Tempo em Português Contemporâneo: Forma e Significação*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Oliveira, F. 2003a. Tempo e Aspecto. In: M. H. M. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. Faria, S. Frota, G. Matos, F. Oliveira, M. Vigário, A. Villalva. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª edição. Lisboa: Caminho, 127-172.
- Oliveira, F. 2003b. Modalidade e Modo. In: M. H. M. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. Faria, S. Frota, G. Matos, F. Oliveira, M. Vigário, A. Villalva. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª edição. Lisboa: Caminho, 243-272.
- Récanati, F. 1979. *La transparence et l'énonciation: pour introduire à la pragmatique*. Paris: Seuil.
- Teixeira, J. 2005. De *cá* para *lá* e de *aquí* para *aí*: rede de valores semânticos dos marcadores espaciais *cá/lá (acolá)* e *aquí/aí/ali*. In: G. M. Rio-Torto, O. M. Figueiredo, F. Silva (Coord.). *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, I, 449-460.
- Vanelli, L.; Renzi, L. 1995. *La deissi*. In: L. Renzi et al. (Eds.). *Grande grammatica italiana di consultazione*. Milano: Il Mulino, III, 261-376. Referido por Eguren (1999).